

## 5

### Conclusão

Na introdução deste trabalho falamos de “inteligência coletiva”. No decorrer da dissertação tratamos de adjetivos, discursos e linguagens que forjam identidades conativas no universo social. Falamos de compromissos que se forjam em relações baseadas em fidelidades cognitiva, afetiva, conativa, de ação e também naquela que se caracteriza pelo envolvimento com a comunidade de sentidos.

Falamos de projetos de ordem social que por vezes se conciliaram e por outras se confrontaram para se fazerem ativos no universo político brasileiro. Apresentamos alguns projetos políticos da década de 1930 que mostram-se ,para além e suas diferenças, um tanto quanto semelhantes. Por que a ordem social seguiria ou não um padrão? Por que seria apenas um padrão caótico e repetitivo? Que maneira melhor de se expressar o mosaico estrutural de uma época do que verificando a maneira como os discursos se repetem, alcançando um frágil equilíbrio por meio da simetria de suas partes?

Essa dissertação foi organizada de forma fractal. Fractais são formas geométricas complexas e irregulares, que eventualmente ocorrem na natureza. Desarmonizamos a narrativa da vida de um homem no primeiro capítulo para reordená-la nas extensões das narrativas de seu próprio tempo, nos capítulos posteriores.

Um homem que nos diz muito sobre o seu tempo. Um homem como o “grão de areia”, a “flor silvestre” como a “palma da mão” ou como “a hora” de um tempo de William Blake:

To see a world in a Grain of Sand  
And a Heaven in a Wild Flower,  
Hold infinity in the palm of your hand  
And Eternity in an hour<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Uma tradução possível:  
Ver um mundo num grão de areia  
E o céu numa flor silvestre  
Conter o infinito na palma da mão  
E a eternidade em uma hora

Um homem que foi parte da memória do consenso de um tempo, mas que foi o desafio ao projeto de hegemonia discursiva do Estado Novo. Uma dessas afrontas foi o desfile em homenagem a Pedro Ernesto proposto pela Estação Primeira de Mangueira no ano de 1941. A escola fora penalizada por sua ousadia, por trazer de volta uma memória política que na visão da ditadura deveria ser silenciada. Nada como um desfile de escola de samba para revigorar a força mítica de uma memória política- uma memória política bem recente. A mesma veria a hegemonia da Portela se consagrar numa sucessão de vitórias, com enredos que condiziam com o discurso hegemônico.

Percebemos que o ‘extraordinário’ não deixaria a política moderna. Toda prática política acaba por criar rituais e convenções que tornam sua vivência em torno do que convencionamos chamar de ‘realismo natural’. Se por um lado o ‘jogo político’ dos tempos modernos não têm a ‘pompa’ e ‘magnificência’ das monarquias, não podemos dizer que o mesmo se efetive em campo ascético no mundo contemporâneo.

Houve um intenso jogo de ‘representações’ em torno da construção da liderança de Pedro Ernesto,. No momento de ‘descentralização do poder’ toda uma memória construída por cerca de 5 anos atrelada ao ‘centro’, debate-se contra os que a empurram à periferia. Neste trabalho, portanto, falamos de imagens, ou mais claramente da construção das mesmas. As imagens sejam políticas, sejam religiosas, sejam de qualquer outra tipologia não são resultado de ‘geração espontânea’. Sua construção lida com paixões, com subjetividades e objetividades. A construção de imagem ainda lida com a velha questão da dignificação do poder. Como se constrói o ‘carisma’? Talvez essa pergunta ainda seja muito visitada por historiadores, antropólogos, marqueteiros, publicitários, entre outros profissionais. Ela nos foi central.

Alguns estudos recentes na área de comportamento indicam o poder da voz e do movimento corporal para com o convencimento. Um sinal determinante nesse caso seria o que esses cientistas chamam de “espelho”. Ele se manifestaria quando o agente do discurso imita os gestos e os movimentos de um interlocutor inconscientemente, o que revela empatia e compreensão. Os que mais “espelham” seriam considerados nesses estudos os mais carismáticos. Outro conceito importante

é o do “compromisso”- seria o ato de falar mais e controlar a negociação do discurso<sup>2</sup>. Pudemos perceber através das fontes sonoras o “poder articulador e conciliador” dos discursos de Pedro Ernesto. A tipologia da fonte nos impossibilita comprovar o componente gestual de Pedro Ernesto, porém o cruzamento de outras fontes nos indicam um tipo de carisma baseado na seriedade de um profissional da área de medicina. Um profissional que sabia articular o compromisso através dos recursos disponíveis na sua conjuntura.

Toda conclusão de um trabalho faz a seu autor pensar sobre a metalinguagem do mesmo e principalmente sobre o que nos leva a construção de um trabalho, não só respondendo a ‘exigência’ da confecção de uma monografia, mas para além, perguntando-se sobre o que levam autores a ‘ádua e inebriante’ tarefa da escrita do mesmo.

A minha primeira pergunta foi: O Que é política para além de seu conjunto de atos? Ao fim desta monografia sugiro uma resposta: Política não é simplesmente o ‘politicar’, é também vontade de figuração, o motivo para a metáfora que Nietzsche certa vez definiu como ‘*desejo de ser diferente*’, ‘*desejo de estar em outro lugar*’. Isso significa em parte ser diferente de si mesmo, mas basicamente, creio, ser diferente das metáforas e imagens das obras contingentes que são as nossas heranças: o desejo de ser um político grandioso é o desejo de estar em outra parte, num tempo e lugar próprios, numa originalidade que deve combinar-se com a herança, com a ansiedade da influência. Esse ‘outro lugar’ é o que metaforicamente distingue um político carismático do impopular, o ‘gênio romântico’ do homem comum.

Teses, dissertações e monografias e simples trabalhos nascem como uma resposta a teses, dissertações. monografias e simples trabalhos, essa resposta depende de atos de leitura e interpretação por autores posteriores, atos que são idênticos às novas obras. Essas leituras de textos precursores são necessariamente defensivas em parte; se fossem apenas apreciativas, a nova criação seria sufocada, e não apenas por motivos psicológicos. A nova hipótese, sempre envolve uma partida de uma hipótese anterior, e essa partida depende de pelo menos um desvio ou rejeição de uma figuração anterior- no nosso caso temos as teses ‘populistas’. O grande historiador, antropólogo, sociólogo, economista sabe como ‘tomar

---

<sup>2</sup> Ver Alex Petland, *The ThingWorld modeling system: virtual sculpting by modal forces*.

emprestado’, pois a contingência governa as ciências humanas, como faz com toda empresa cognitiva. Por nascermos num mundo já constituído somos eternos contingentes.

A mais uma resposta e sentença cheguei ao fim deste trabalho: os conceitos não são eternos, e são vazios sem a História. Quem nos projeta a melhor resposta talvez seja Nietzsche: *‘Todos os conceitos em que, do ponto de vista semiótico, se congregue todo um processo, esquivam-se de definição. Só o que não tem história é definível’*. O quanto somos frágeis em nosso permanente processo de pensar e classificar o mundo. Ou melhor, o quanto são frágeis nossas ferramentas de análises. Talvez este seja um testemunho pessimista de um agente pós-moderno, desconhecedor de paradigmas e eterno herege das verdades ditas constituídas.

Finalmente cabe homenagear Pedro Ernesto, que por momentos me hipnotizou e por isso muito me fez ‘contar’ sua ‘história’.

“...Uma multidão silenciosa brota das ruas, desce dos morros, acompanha o enterro até o fim, e assiste calada e firme aos panagíricos intermináveis. Retirou-se a massa depois em ordem e aliviada por ter reverenciado um amigo que jamais lhe faltara e mostrava também ao ditador rancoroso que lhe negara a hora do grande silêncio até uma simples condolência a família desolada- que o povo jamais se esquece- sabe premiar e condenar e Pedro Ernesto foi premiado no dia de sua morte por uma consagração popular tão sincera quanto justa. **Que a história no futuro lhe faça o mesmo!**”<sup>3</sup>

O trecho em negrito foi o que em muito me incentivou a escrever essa dissertação. Bem, sempre chega à hora do adeus...

---

<sup>3</sup>Arquivo Pedro Ernesto, PEB 36.08.25